

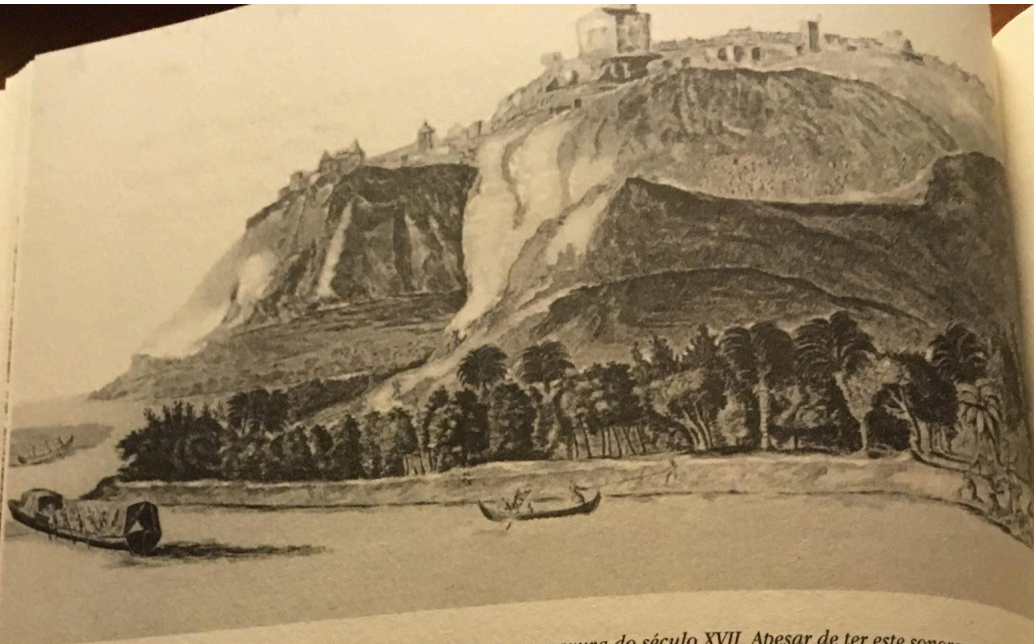


Figura 14 - Mbanza Kongo, a capital do reino, em uma gravura do século XVII. Apesar de ter este sonoro e poderoso nome, foi batizada pelos portugueses com o obsessivo "São Salvador". Era construída em uma colina às margens do Rio Lelunda e contava com cerca de quinze a vinte mil habitantes nessa época. A imagem destaca o palácio real com sua bandeira desfraldada, a fortaleza que o protegia e as três igrejas da cidade.

REINO
DO KONGO

DEMBOS
AMBUNDOS

Sobre o nome do nosso primeiro tata, Umbata vem de Mbata, uma das seis províncias fundadoras do Reino do Kongo. A fundação do reino, aliás, foi viabilizada por uma aliança inicial entre Vini Lukeni, o fundador de Mbanza Kongo, a capital do reino, e o senhor de Mbata, com a conseqüente estruturação de um Estado único. Segundo Cadornega, sua capital Mbanza Mbata ficava "distante três jornadas da cidade de São Salvador" (que é como os portugueses intitularam Mbanza Kongo), no vale do Rio Nzadi Nkisi, afluente do grande Rio Congo, antigamente chamado de Záiri. A província ficava em uma região de savana, território dos dembos, subgrupo dos ambundos, que compreendia também os imbangalas, os ambakas, os bondos e os songos, entre outros, todos falando o quimbundo.

Mbata era um dos vários "ducados" do Reino do Kongo, como os portugueses os apelidavam, mas na verdade seus chefes tinham o título de *mani*, "senhor". O *Mani* Mbata pode ter sido por muito tempo um chefe independente, Vansina o classifica

POVOS
ZANOS
CONS
MAS
EST

entre os "tributários irregulares" do rei do Kongo. Quando os portugueses chegaram à região, o *Mani Mbata* e o *Mani Mpangu* eram os dois principais conselheiros do rei e o primeiro, segundo Pigafetta, era mais favorecido do que todos os demais "em privilégios e liberdades". Segundo o costume, alianças matrimoniais selavam essas relações privilegiadas: a esposa principal do rei do Kongo deveria sempre ser uma filha ou irmã do governador de Mbata, enquanto que este último deveria sempre se casar com uma parenta próxima do rei.

Segundo H. Baumann, a cultura dos dembos pode ser considerada uma transição entre a dos ovimbundos do sul e os quiocos e lundas do leste, porém sob forte influência dos bakongos, a etnia dominante no Reino do Kongo, habitantes da província central. Mbata estava integrada ao mercado internacional e aos sistemas monetários disponíveis desde a chegada dos portugueses, no final do século XV. Tudo indica que, naquela época, ainda não existiam Estados plenamente organizados naquela savana, mas havia uma evolução política regular nesse sentido, com a aliança entre diversas aldeias, formando grandes senhorias apoiadas por conselhos integrados por representantes das linhagens mais importantes, com cerimoniais de corte bem produzidos. Quando necessário, os ambundos podiam reunir um Exército de milhares de homens, setenta a oitenta mil, segundo Pigafetta, dispondo inclusive de pelotões com armas de fogo.

Toda essa área tinha desde muito tempo uma agricultura bem implantada, bem como antigas tradições profissionais de caçadores, ferreiros, ceramistas e tecelões. A constituição de corporações de caçadores, bem organizadas, com seus ritos e deuses próprios, foi característica de toda a região. Se os tradicionais cultos dos gênios da natureza, dos patronos das corporações profissionais e dos ancestrais divinizados nessa época tinham um papel central na estruturação dos poderes civis e econômicos, na transmissão dos conhecimentos, na manutenção da paz social, alguns dos maiores senhores da região já dispunham de igrejas católicas e capelães a seu serviço, como mais uma demonstração de poder.

O que terminou sendo fonte de conflitos destrutivos, porque a agressividade missionária de jesuítas e capuchinhos a serviço de Roma, dos reis de Portugal e do Kongo terminou provocando reações igualmente violentas de movimentos populares em defesa da



O CANDOMBLÉ DA BARROQUINHA

Processo de constituição
do primeiro terreiro baiano de keto

RENATO DA SILVEIRA

EDIÇÕES

MAÍANGA